



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A RECONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO RURAL NA ALTA IDADE MÉDIA. ANÁLISE DOS MARCADORES ARQUEOLÓGICOS NO ALTO ALENTEJO

Rute Cabriz¹, Sara Prata²

RESUMO

O artigo analisa os vestígios materiais pós-romanos identificados nas *villae* do Alto Alentejo a partir de uma revisão crítica da documentação legada. Os trabalhos realizados consistiram na análise e sistematização dos dados disponíveis nos processos de sítio/trabalho arqueológico, consultados no Arquivo de Arqueologia Portuguesa (DGPC). Apresentam-se os resultados da análise de 12 sítios arqueológicos. Os dados obtidos são considerados à luz da informação arqueológica recuperada nos estudos de povoamento rural alto-medieval neste mesmo território, inserindo-se num projeto de investigação mais abrangente. Consideramos que esta abordagem comparativa permitirá uma caracterização mais aprofundada dos diferentes processos -económicos, sociais, culturais e religiosos- inerentes à transformação das paisagens rurais no início da Alta Idade Média.

Palavras-chave: Alta Idade Média; *Villa*; Granja; Povoamento Rural.

ABSTRACT

The paper analyses the post-Roman material remains identified in the Alto Alentejo villas from a critical review of the legacy data. The work carried out consisted in the analysis and systematization of the data available in the archaeological site/work processes, consulted at the Portuguese Archaeology Archive (DGPC). We present the results obtained so far in the analysis of 12 archaeological sites. The data obtained are considered in light of the archaeological findings of rural early medieval settlements in this same territory, forming part of a broader research project. We believe that this comparative approach will allow for a more in-depth characterization of the different processes -economic, social, cultural, and religious- inherent in the transformation of rural landscapes at the beginning of the Early Middle Ages.

Keywords: Early Middle Ages; *Villa*; Farmstead; Rural Settlements.

1. INTRODUÇÃO

Os primeiros séculos da Idade Média continuam a ser um dos períodos cronológicos mais mal conhecidos. Os motivos para esta situação são vários: a opacidade das fontes escritas, os vestígios materiais “incharacterísticos”, a escassez de elementos cerâmicos com valor cronológico rigoroso, entre outros. Estes fatores são agravados para o espaço rural onde muitos dos levantamentos patrimoniais disponíveis

para o território português incluem apenas escassos dados para a Alta Idade Média.

Não obstante, nos últimos anos temos assistido a um número crescente de projetos de investigação e encontros científicos centrados em contextos alto-medievais (Tente, 2018; Prata, Cuesta-Gómez & Tente, 2021). Estes trabalhos têm permitido visualizar novos padrões de povoamento e um intenso processo de regionalização.

Na última década tem sido levada a cabo uma in-

1. IEM – NOVA FCSH / rutecabriz@gmail.com

2. IEM – NOVA FCSH / saraprata@fcs.unl.pt

vestigação continuada no território de Castelo de Vide focada nos vestígios materiais das comunidades camponesas. Tomando o território municipal como espaço de estudo, foi possível obter uma caracterização muito detalhada da articulação dos espaços camponeses utilizados nesta área entre os séculos V e VIII. Paralelamente, são conhecidas várias *villae* que conservam sequências ocupacionais coincidentes com este mesmo intervalo cronológico. Documentam-se arqueologicamente processos de abandono, reutilização e transformação na lógica de uso do espaço. No entanto, estes fenómenos têm sido habitualmente analisados no contexto das fases romanas das *villae* e interpretados como uma consequência natural das transformações sociais e económicas inerentes à desarticulação da administração romana e à chegada de populações “exógenas”. Consideramos que estas abordagens têm sido limitadoras, resultando em interpretações do registo arqueológico que não se alinham com a complexidade social que se tem vindo a reconhecer para outros territórios peninsulares.

O presente texto surge no decurso da investigação em curso de uma dissertação de mestrado integrada no projeto “Reshaping the countryside in the Early Middle Ages. Production systems, consumption patterns and peasant agency in western Iberia” (2020.01697.CEECIND). Apresentamos os resultados obtidos até ao momento, numa análise que pretende, precisamente, promover uma abordagem comparativa entre os contextos reconhecidos, por um lado, nos trabalhos arqueológicos de campo e, por outro, na bibliografia arqueológica disponível.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

A escolha do Alto Alentejo³ como área de estudo tem uma dupla motivação. Por uma parte, trata-se de um amplo território onde está atestada a abundância de vestígios arqueológicos de vários períodos, mas onde existem dados de especial qualidade no que diz respeito à época romana e ao período alto-medieval. Neste contexto, importa destacar os projetos coordenados por A. Carneiro (Fabião, 2020, p. 452; Carneiro, 2010; Carneiro, 2016a; Carneiro, 2017; Carneiro, 2021), a par com a atenção que este território

tem recebido noutras investigações (Chavarría Arnau, 2007; Wolfram, 2011; Rolo, 2018, entre outros). Sobre o povoamento rural alto-medieval, embora os dados com maior resolução estejam disponíveis para o microterritório de Castelo de Vide (Prata & Cuesta-Gómez, 2020, 2021), os inventários de superfície de outros municípios do Alto Alentejo, principalmente a Norte, refletem a frequência de vestígios coerentes com esta mesma cronologia, sugerindo que este fenómeno se trata de um processo generalizado (Oliveira, Pereira, Parreira, 2007; Valdez-Tullett & alii, 2012). Entre os séculos IV e VIII d.C. as *villae* são palco de transformações, transformações estas que foram sendo interpretadas de formas distintas ao longo dos tempos. A leitura dos contextos materiais dos últimos momentos do Império e dos primeiros séculos do período medieval foi fortemente influenciada pela perspectiva catastrofista oferecida pelas fontes escritas (Koch, 2006). Este ponto de partida condicionou a interpretação do registo arqueológico, chegando a ser perceptível uma procura ativa de elementos e materialidades que refletissem de alguma forma esta narrativa relacionada com razias, destruição e abandono. Mais recentemente, assumiu-se o escasso conhecimento sobre materialidades posteriores ao século IV em espaços de *villae*, pondo-se em causa a legitimidade arqueológica destas leituras (Chavarría Arnau, 2007, p. 71).

Não obstante, uma parte da informação publicada sobre as fases pós-romanas das *villae* continua a promover interpretações relacionadas com um abandono dos sítios por parte da população romana e a chegadas de novos habitantes, normalmente vinculadas com as movimentações de população de origem germânica documentadas neste período. Consequentemente, as interpretações propostas vêm-se muitas vezes condicionadas pelo binómio de continuidade/mudança, tomando como ponto de partida as materialidades e lógicas de uso do espaço de época romana. Ainda que as dinâmicas de movimentação populacional não possam ser simplesmente ignoradas, a sua utilização generalizada para explicar os processos de transformação deste período tem vindo a ser sistematicamente refutada (veja-se Lewit 2003 e 2005).

3. TRABALHOS REALIZADOS

No que respeita à análise dos contextos alto-medievais em sítios arqueológicos romanos, devemos

3. De acordo com os limites geográficos propostos por A. Carneiro na sua tese de doutoramento sobre o povoamento rural romano (2014, pp. 11-12).

começar por expor os motivos que justificam a escolha de *villae*, e a não inclusão de outros elementos de povoamento romano conhecidos. O primeiro prende-se ao facto de, no que respeita aos modelos de ocupação da paisagem rural romana, as *villae* são aquele que mais atenção tem recebido (Fabião, 2020, p. 452) e, consequentemente, com mais informação disponível. O segundo prende-se com o alcance da abordagem, que surgindo no âmbito de uma dissertação de mestrado teve necessariamente de se cingir a um conjunto de dados adequado ao tempo disponível para a realização do trabalho. No entanto, reconhecemos que numa próxima fase esta análise deverá englobar todos os pontos de povoamento conhecidos, analisando esta paisagem em transformação como um todo.

Os trabalhos para seleccionar o objeto de estudo começaram pelo levantamento das referências bibliográficas sobre *villae* do Alto Alentejo em que tinham sido identificados contextos materiais pós-romanos (Carneiro, 2014, pp. 252-266; 2016a; 2017; 2021 e António, 2014, p. 10) resultando num total de 34 sítios. Após esta seleção inicial foram consultados os processos de sítio/trabalho arqueológico correspondentes, disponíveis no Arquivo de Arqueologia Portuguesa (DGPC), e bibliografia específica para cada um destes sítios.

Numa fase inicial da consulta de processos foi perceptível que um número dos sítios publicados como sendo possíveis espaços de *villae* com indícios de ocupação no período pós-romano resultavam de dados extraídos a partir de inventários de superfície e dados de prospeção por vezes pouco expressivos. Para poder considerar estes sítios na presente análise seria necessário proceder a trabalhos de campo, tendo em vista a realocação e reavaliação dos vestígios. Optámos assim por numa primeira fase analisar de forma mais detalhada apenas os sítios arqueológicos para os quais existia documentação arqueológica expressiva em arquivo. Foram selecionados apenas os sítios alvo de escavação arqueológica (em contexto tanto de investigação como de salvaguarda) e para os quais os processos e/ou publicações continham informação suficientemente detalhada para proporcionar uma análise eficaz. Paralelamente, optámos por não incluir nesta avaliação os sítios arqueológicos de Horta da Torre (Fronteira), Ferragial d'El Rei (Alter do Chão) e Torre de Palma (Monforte), por serem alvo de projetos de investigação e trabalhos em curso. Face a estes critérios, foram selecionados 12 sítios

arqueológicos interpretados como *villae* romanas, localizados no Alto Alentejo, onde se documentaram indícios materiais de utilização do espaço num momento posterior à desarticulação da estrutura administrativa romana (Tabela 1, Figura 1). Esta consulta de processos foi realizada ao longo de três meses (entre Novembro de 2022 e Janeiro de 2023). Adicionalmente, foram necessários 4 meses para sistematização, análise e interpretação dos dados recolhidos. Como se pode constatar pelas referências bibliográficas indicadas, uma parte destes sítios arqueológicos já tinha sido publicada. Não obstante, como sabemos, as publicações científicas resultam necessariamente de um processo de seleção de informação, normalmente aquela considerada mais relevante ou representativa do contexto. Naturalmente que estes pontos de partida podem influenciar a própria metodologia de escavação e o processo de registo de realidades materiais. Sabemos que as decisões que se tomam num sítio arqueológico – desde a extensão da área a escavar, o porte das ferramentas utilizadas, a crivagem (ou não) das terras... – refletem hábitos de trabalho e prioridades de investigação muitas vezes relacionadas com a cronologia do sítio intervencionado.

As próprias características dos vestígios arqueológicos podem torná-los mais fáceis ou difíceis de identificar. No caso do tipo de estruturas documentadas para a Alta Idade Média – muros de pedra seca, elementos em madeira e coberturas de colmo – sabemos que, em terrenos com alto teor de acidez, os macrorrestos vegetais só se preservam em condições excepcionais. O mais frequente é que destas estruturas subsistam apenas os buracos de poste e testemunhos ténues de paleosolos, associados a elementos de cultura material ainda considerados “pouco característicos”, em definitiva, materialidades nem sempre fáceis de reconhecer durante o processo de escavação.

Neste contexto, a opção por consultar os processos de sítio/trabalho prendia-se precisamente com a possibilidade de aceder aos dados arqueológicos em bruto, incluindo a cartografia, as plantas das intervenções, as fotografias, a listagens de espólio, as sequências estratigráficas... informação que não transparece na maioria das publicações científicas. A consulta dos processos permitiu realizar um levantamento exaustivo das materialidades associadas às fases pós-romanas das *villae*, sendo esta informação organizada e sistematizada informaticamente. O objetivo desta análise era identificar indícios ma-

teriais que pudessem ter passado despercebidos durante o processo de escavação, tentando reanalisar o registo arqueológico desde uma nova perspetiva, tanto quanto possível, autónoma das propostas interpretativas prévias.

Constatamos que apenas no sítio do Monte da Nora as estruturas em materiais perecíveis foram ativamente documentadas (Gonçalves, Teichner & Morán, 2007). Nos restantes casos, foi agora possível proceder à sua identificação pela análise das descrições estratigráficas associada à revisão do registo gráfico e fotográfico. Em várias ocasiões a análise da documentação gráfica revelou a presença de diferentes tipos de estruturas de combustão (fogueiras e/ou lareiras) que não são reconhecidas estratigraficamente. Do mesmo modo, é perceptível a presença de diferentes fases construtivas nos edifícios, com compartimentações que recorrem a *spolia* (elementos construtivos e arquitetónicos de época romana em situação de reaproveitamento), e que na maioria dos casos não são reconhecidas nos relatórios. Relativamente às listagens de espólio, do que verificámos, apenas são alvo de estudo aprofundado os materiais romanos. As raras instâncias em que materiais de cronologia não-romana são reconhecidos, correspondem habitualmente a peças metálicas, depósitos funerários identificados durante a escavação de sepulturas, e ainda elementos arquitetónicos ornamentais, classificados como “visigóticos” ou “paleocristãos”. Só uma análise atenta do espólio destas intervenções permitirá saber se foram recolhidos materiais cerâmicos associados aos níveis de uso pós-romanos e quais as suas características. Esta invisibilidade de reconhecimento de estruturas e materiais parece refletir o pouco conhecimento ainda existente sobre as realidades pós-romanas, principalmente neste tipo de sítios. Outro aspeto que nos foi possível constatar após a consulta de processos de sítio é que as intervenções de salvaguarda em espaços de *villae* apresentam por vezes um registo mais completo, reconhecendo e registando de forma detalhada um espectro de evidências posteriores, e anteriores, à ocupação romana. Este processo pode-se justificar pela extensão das áreas afetadas em alguns destes projetos de maior envergadura (naturalmente, quanto maior a área de escavação maior a probabilidade de detetar diversidade cronológica e funcional) mas não podemos deixar de reconhecer que neste tipo de trabalhos a prioridade parece ser a identificação e o registo de todas as realidades

arqueológicas existentes, até porque em alguns dos casos trataram-se, lamentavelmente, de processos de “salvaguarda pelo registo”.

Já no caso das intervenções inseridas em projetos de investigação, considerando que os casos com que nos cruzámos se focam, fundamentalmente, no estudo da evolução da *villa* enquanto propriedade romana, parece-nos que os dados relacionados com usos posteriores nem sempre receberam a devida atenção.

4. A OCUPAÇÃO PÓS-ROMANA NAS *VILLAE*

Para abordar as transformações das *villae* em contextos pós-romanos, há primeiro que considerar que, embora as mudanças aqui visadas tenham lugar entre os séculos IV e VIII (com particular incidência nos séculos V e VI), as *villae* já eram palco de mudança desde o século III, com o processo progressivo de abandono da vivência na *urbs* e, paralelamente, monumentalização das *villae*. Paralelamente, é também no século III que notamos o surgimento de grandes latifundiários, uma elite que concentra em si várias propriedades, por vezes em diversas províncias do Império. Em função deste fenómeno dá-se outro processo, o de progressivo abandono de determinadas propriedades em detrimento de outras e a procura de latifúndios de cada vez maior dimensão (Carneiro, 2016a, p. 286).

Já a partir da segunda metade do século IV, notamos um processo praticamente inverso, começando a surgir construções arquitetonicamente mais “discretas”, elaboradas com elementos pétreos não argamassados e materiais perecíveis (Lewit, 2003, p. 262). Deteta-se também um progressivo abandono e/ou reutilização funcional dos espaços monumentais e aqueles relacionados com o ócio. Assistimos a vários casos de complexos termas reutilizados como áreas funerárias, e salas de receção que são por vezes compartimentadas e reaproveitadas para diferentes funções domésticas. Estes processos são muitas vezes interpretados como um reflexo do desaparecimento das elites, supondo que nestas fases finais as *villae* deixam de ser propriedades de membros destacados da sociedade romana, para passar a servir diferentes tipos de usos. Porém, como vimos, o registo material informa-nos que estes espaços continuam de facto ocupados. Se considerarmos as dificuldades inerentes à deteção (e definição) de elites no registo arqueológico, outras propostas para a interpretação destes fenómenos su-

põem uma mudança de mentalidade associada ao conceito de ócio, vinculada também com a afirmação do cristianismo (Lewit, 2005, pp. 254-255).

Sentimos necessidade de agrupar os fenómenos observados nas *villae* em categorias, algo que já vários autores têm vindo a fazer ao abordar este tema. As 4 categorias que aqui utilizamos resultam de uma análise comparada de bibliografia que procura sistematizar os dados pós-romanos a diversas escalas, a ver, o Alto Alentejo (Carneiro, 2014; Carneiro, 2016a; Carneiro, 2017; Carneiro, 2021), a Península Ibérica (López Quiroga & Rodríguez Martín, 2001; Chavarría, 2007) e o ocidente europeu (Lewit, 2005; Dodd, 2021).

Passando à definição das categorias propriamente ditas, a primeira consiste na progressiva transformação de espaços funcionais, tanto da *pars urbana* como da *pars rustica*, em locais de sepultamento. Este fenómeno começa por vezes com o aparecimento de espaços funerários que parecem começar a desenvolver-se em torno das *villae*, chegando por vezes a cobrir a totalidade do espaço ou distribuindo-se em pequenos núcleos de sepultamento (Lewit, 2005, p. 252). Em muitos casos, as sepulturas são construídas sobre as estruturas de época romana que já estariam em desuso (em mais que uma situação, os complexos termas) e reaproveitam elementos pétreos na sua construção. Para esta categoria, as *villae* do Alto Alentejo que analisámos são ricas em exemplos, estando identificados espaços funerários em 7 dos 12 sítios analisados.

A segunda caracteriza-se pela reutilização e/ou alterações às estruturas da *villa*. Nesta categoria inserem-se os processos de mudança na funcionalidade dos espaços, mas também de reaproveitamento de materiais para novas construções (López Quiroga & Rodríguez Martín, 2001, p. 144). Destacamos o caso do Monte das Argamassas em que se verificam ambas as instâncias identificadas nesta categoria. No ambiente 5/compartimento 5 foi registado um nicho do paramento dos muros que terá sido entaipado, recorrendo a tijolos romanos (Brazuna, 2003, p. 22).

A terceira categoria das ocupações pós-romanas consiste no surgimento de novas estruturas que permitem reconhecer uma utilização doméstica de espaços que previamente teriam outro tipo de uso. Aqui contabilizamos as novas estruturas de cariz doméstico, como lareiras, cabanas e estruturas em madeira, que surgem por vezes em cima dos pavimentos de mosaico (Dodd, 2021, p. 5). Dos processos que consultámos, apenas no Monte das Argamassas

se verificou uma lareira explicitamente registada no relatório (Brazuna, 2003, p. 28).

Por fim, definimos uma última categoria, que está vinculada ao surgimento de edifícios religiosos nas *villae*. Em contexto pós-romano, há que considerar o impacto da cristianização na organização dos espaços e pessoas da Península Ibérica (Carneiro, 2021, p. 199). O território muda, abandonando progressivamente os vetores estruturantes da paisagem rural romana e passando a organizar-se em torno da criação de bispados e paróquias, cuja delimitação não é bem conhecida (Wolfram, 2011, p. 13). Esta conjectura denota-se também nas *villae*, com o surgimento de espaços religiosos *ex novo* (Dodd, 2021, p. 5) e a reconversão de espaços originalmente áulicos em espaços de culto (López Quiroga & Rodríguez Martín, 2001, p. 142). Embora o exemplo mais conhecido para o Alto Alentejo surja na *villa* de Torre de Palma, não é o único caso para este território. Nota-se também o impacto desta nova mentalidade noutros sítios, sendo talvez os exemplos mais claros o mosaico com *crismon* da Quinta das Longas (Fabião, 2021, p. 470) ou o conjunto epigráfico recolhido em Silveirona (Wolfram, 2007).

Porém, a definição destas categorias e o ensaio de nelas organizar os fenómenos documentados, apresenta os seus problemas. Efetivamente, as tentativas de organização deste tipo de dados por parte dos autores citados e a diversas escalas, influencia necessariamente novos esforços interpretativos. Consequentemente, é fácil cair no erro de procurar fazer com que os dados arqueológicos se adaptem às categorias definidas, tal como as realidades arqueológicas das fases finais das *villae* foram em tempos adaptadas às narrativas catastrofistas vigentes.

Evidentemente é necessário conhecer outras realidades para avançar com uma abordagem, no entanto, há que o fazer conscientemente. Sabemos que estas transformações respondem a fenómenos altamente localizados, com ritmos e dinâmicas dispare nos territórios peninsulares. É por isso desaconselhável tentar definir uma explicação geral para a transformação de que foi alvo a antiga paisagem rural romana. Isto é algo que se verifica nas próprias *villae*, que frequentemente são abordadas desde uma perspetiva de abandono e decadência, porém conhecem-se instâncias de localidades, como no caso da região de Apúlia, em que as *villae* e *vici* continuam em forte atividade, até aumentando em número (Chavarría, Lewit & Izdebski, 2019, p. 45).

Outro exemplo da variabilidade local de fenómenos nos espaços das *villae* evidenciou-se nas publicações de James Dodd. Verificámos que na sua abordagem às fases pós-romanas em *villae* das *provinciae* de *Britannia* e *Germania*, o autor propõe uma quinta categoria, a de fortificação das estruturas das *villae*.

Qualquer proposta de organização precisa de ser feita em função dos dados disponíveis e não numa tentativa de encaixar informação em categorias pré-definidas. Evita-se deste modo que se ignorem fenómenos a decorrer nos espaços até à data inéditos, assim como a limitação de leituras futuras do registo arqueológico.

5. A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO RURAL: O NOVO POVOAMENTO ALTO-MEDIEVAL

Desde meados do século XX que no Alto Alentejo estão reconhecidos sítios arqueológicos vinculados com os primeiros séculos da Idade Média. Um dos locais mais emblemáticos é o Monte Velho (Beirã, Marvão) onde Afonso do Paço escavou uma pequena estrutura de planta retangular, com uma compartimentação interior e vestígios abundantes de telhas de meia cana decoradas. Uma destas telhas apresentava a inscrição [H]IC PAX [H]IC C(H)RIST(VS), certamente de função apotropaica (Paço, 1949; Cuesta-Gómez, Prata & Ramos, 2018). Na publicação sobre o sítio, Paço oferece o que se viria a revelar como a matriz do povoamento rural alto-medieval neste território: “Presumimos que encabecem ainda nos tempos visigóticos os vestígios de povoado extintos [...], caracterizados pela existência de casas cobertas de telha, cultivo de cereais e vinha, denunciada esta pela abundância de pesos de lagar, indústria muito rudimentar do ferro, repouso dos mortos em sepulturas abertas nos rochedos que existiam nas imediações dos locais de habitação” (Paço, 1949, p. 42).

Os trabalhos realizados no concelho de Castelo de Vide a partir de 2014 consistiram em prospeções (norteadas pelos profícuos inventários municipais levados a cabo principalmente nos anos 80 e 90 do século XX pela Secção de Arqueologia municipal), sondagens de diagnóstico, escavações, estudos de cultura material e datações absolutas, têm permitido caracterizar precisamente este tipo de povoamento apontado por A. Paço (Cuesta-Gómez & Prata, 2021; Prata & Cuesta-Gómez, 2021). Os dados disponíveis neste momento revelam a existência de um elevado número de pequenas granjas, caracte-

rizadas por estruturas pétreas de planta retangular, nas imediações das quais se reconhecem sepulturas escavadas na rocha, individualizadas ou em pequenos núcleos, espaços funerários de uso familiar. Este povoamento ter-se-á formado a partir de finais do século V, consequência de uma profunda reestruturação do campo pós-romano, sendo que os sítios escavados, para os quais dispomos já de um conjunto significativo de datações absolutas, apresentam fases de abandono balizadas entre a segunda metade do século VII e as primeiras décadas do VIII. Os dados de superfície disponíveis para outras áreas do Alto Alentejo, da Extremadura e da Meseta norte espanhola sugerem que este modelo de povoamento alto-medieval teve uma expressão regional, ainda que com particularidades locais.

Paralelamente, os contextos arqueológicos reconhecidos na bibliografia revelam a diversidade de contextos que têm sido inseridos neste intervalo cronológico. Estes podem ser organizados em três categorias gerais: os espaços funerários, normalmente designados por “necrópoles paleocristãs ou visigóticas”, a par com o fenómeno das sepulturas rupestres; os vestígios de espaços habitacionais de carácter rural, normalmente designados como granjas ou casais agrícolas; e as designadas “fases tardias” das *villae* romanas.

Curiosamente, como tivemos oportunidade de verificar em particular no caso dos contextos pós-romanos das *villae*, cada uma destas categorias de sítios/vestígios teve uma história da investigação própria. Resulta especialmente claro no caso dos fenómenos funerários, cuja interpretação se vê normalmente condicionada pela sua relação com outros vestígios. Não é infrequente que dois túmulos com as mesmas características -arquitetónicas, rituais, cronológicas- sejam descritos como paleocristãos (se estiverem inseridos no espaço de uma *villa*) ou visigóticos (se essa relação espacial não for tão evidente). No caso das sepulturas escavadas na rocha, talvez porque nos territórios a norte do Tejo têm sido tradicionalmente vinculadas com processos históricos mais tardios, raramente são interpretadas no quadro do povoamento alto-medieval inicial, ainda que a sua relação com vestígios desta cronologia seja evidente (Cuesta-Gómez & Prata, 2021).

O mesmo podemos dizer em relação aos elementos de lagar, que sistematicamente surgem em inventários de superfície como sendo atribuíveis à época romana, mesmo quando associados espacialmen-

te a vestígios materiais alto-medievais (sepulturas escavadas na rocha, elementos cerâmicos...). Aqui, cabe-nos destacar os sítios da Tapada das Guaritas II e do Junçal, ambos em Castelo de Vide, que revelam a construção de novas estruturas de prensado, verdadeiros lagares de vara e parafuso, utilizados no século VII (Prata & Cuesta-Gómez, 2020).

Para promover uma leitura renovada destes primeiros séculos da Alta Idade Média, será necessário conjugar o conhecimento sobre estes diferentes tipos de vestígios, e promover novos diálogos, procurando esbater tradições historiográficas. Como tivemos oportunidade de apresentar neste texto, um dos palcos mais profícuos para repensar as transformações deste período, são precisamente as antigas propriedades rurais romanas. Mas a comparação direta entre dados de diferentes contextos nem sempre é fácil, ou possível.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta primeira fase de aproximação ao legado documental das escavações nas *villae* do Alto Alentejo, apercebemo-nos de vários aspetos que podem condicionar os dados que chegam a integrar o registo arqueológico. Mas há mais alguns aspetos que gostaríamos de referir. Sendo as *villae* sítios cujos vestígios se estendem por vários hectares, as áreas escavadas correspondem a percentagens pequenas daquele que seria o espaço total da propriedade. Adicionalmente, a maior parte das escavações levadas a cabo nestes sítios, principalmente em contexto de investigação, continuam a incidir fundamentalmente nos edifícios da *pars urbana*, e em particular nos espaços de ócio e representação. A maioria das estruturas produtivas e os espaços de transformação conhecidos têm sido identificados no contexto das intervenções de salvaguarda, e correspondem ainda a um número muito reduzido de vestígios. Assim, devemos reconhecer que os dados que temos neste momento à nossa disposição sobre as fases pós-romanas da *villae* são condicionados por estas decisões sobre que espaços intervencionar. Conhecer verdadeiramente as fases finais destes sítios, as suas transformações e possíveis reutilizações, só será possível quando tivermos dados estratigráficos sobre os diferentes espaços das *villae*, e não apenas das suas áreas nobres. Outro problema em considerar os dados pós-romanos obtidos nestes sítios, é a dificuldade em conseguir cronologias para estes contextos.

Já sabemos que a ausência de materiais cerâmicos importados nestas centúrias, e a predominância das cerâmicas de produção local, impossibilita abordagens cronológicas tradicionais centradas nestes elementos de cultura material. Será necessário apostar por datações absolutas de materiais orgânicos, nos casos em que estes se conservem.

Uma análise integrada implicará ainda, como já referimos, considerar uma visão integradas das paisagens rurais, e não apenas centrada nos sítios arqueológicos com maior expressão. É necessário perceber qual é o destino dos outros espaços rurais romanos que não os latifúndios e os seus edifícios aristocráticos, e para isso será necessário identificar e conhecer esses *vici* e *pagi* de que nos falam as fontes, mas tão elusivos na sua materialidade.

BIBLIOGRAFIA

ANTÓNIO, Jorge (2010) – *Villa Romana da Quinta do Pião*. Alter do Chão: Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Alter do Chão. [policopiado].

ANTÓNIO, Jorge (2014) – *A Villa Romana da Casa da Medusa*. ALBERTERIVM. Alter do Chão. 1, pp. 10-21.

BRAZUNA, Sandra (2003) – *Villa da Herdade das Argamasas*. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos 2002/2003. Lisboa: EraArqueologia, S.A. [policopiado].

CARNEIRO, André (2010) – *Em pars incerta*. Estruturas e dependências agrícolas nas *villae* da Lusitânia. *Conimbriga*. Coimbra. 49, pp. 225-250.

CARNEIRO, André (2014) – *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. lugares tempos e pessoas. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

CARNEIRO, André (2016a) – *Mudança e continuidade no povoamento rural no Alto Alentejo durante a Antiguidade Tardia*. In D'ENCARNAÇÃO, José; LOPES, M. Conceição; CARVALHO, Pedro C., eds. – *A Lusitânia entre romanos e bárbaros*. Mangualde: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 281-307.

CARNEIRO, André (2016b) – *Sítio Arqueológico de Monte de São Francisco (Vale de Maceiras, Fronteira)*. Relatório final da intervenção de emergência realizada em Setembro de 2015. Fronteira. [policopiado].

CARNEIRO, André (2017) – *Nos limites do Império: dinâmicas de povoamento na transição para a Antiguidade Tardia no Alto Alentejo*. In TEIXEIRA, Cláudia; CARNEIRO, André, eds. – *Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 39-64.

CARNEIRO, André (2021) – *Changing protagonists: Managing economic activities in Late Antique Lusitania*. *Gérion. Revista de História Antigua*. Madrid. pp. 197-220.

- CARVALHO, António; ALMEIDA, Maria José (2002) – A *Villa Romana da Quinta das Longas* (S. Vicente e Ventosa, Elvas). Resultados preliminares da 10ª campanha de escavações arqueológicas – 2001. Cascais: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa [policopiado].
- CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra (2007) – *El final de las Villae en Hispania (Siglos IV-VIII)*. Paris: Brepols.
- CHAVARRÍA ARNAU, Alexandra; LEWIT, Tamara; IZDEBSKI, Adam (2019) – Settlement, Land Use and Society in the Late Antique Mediterranean, 4th-7th c. An Overview. In IZDEBSKI, Adam; MULRYAN, Michael, eds. – *Environment and Society in the Long Late Antiquity*. Leiden: Brill, pp. 132-147.
- CUESTA-GÓMEZ, Fabián & PRATA, Sara (2021) – Se hace camino al andar. Sepulturas rupestres y poblamiento altomedieval en el Vale de Galegos (Castelo de Vide, Portugal). In BARROCA, Mário Jorge, ed. – *Sepulturas escavadas na rocha na fachada atlântica da Península Ibérica*. Atas do Congresso Internacional. Porto: CITCEM, pp. 145-64.
- CUESTA-GÓMEZ, Fabián, PRATA, Sara, RAMOS, Tiago (2018) – Empezar la casa por el tejado: las cerámicas de cobertura en los contextos altomedievales del territorio de Castelo de Vide (Portugal). In MARTÍN VISO, Iñaki & alii eds. – *Cerámicas altomedievales en Hispania y su entorno (entre los siglos V-VIII d.C.)*. Valladolid: Glyphos / Arbotante Patrimonio e Innovación, pp. 137-158.
- CUESTA-GÓMEZ, Fabián; PRATA, Sara; MAGUSTO, João; NUNES, Miguel; REBELO, José (2022) – Una nueva lectura del yacimiento tardo-antiguo de Vale da Bexiga: revisitando la investigación arqueológica en Castelo de Vide (1971-1997). In PRATA, Sara; CUESTA-GÓMEZ, Fabián; TENTE, Catarina (2021) – *Paisajes, espacios y materialidades. Arqueología rural altomedieval en la península ibérica*. Oxford: Archaeopress, pp. 89-104.
- DODD, James (2021) – Assessing Late Antique Villa Transformation at Individual Sites: Towards a Spatial Approach. In *Theoretical Roman Archaeology Journal*. 4(1): 3, pp. 1-28.
- KOCH, Manuel (2006) – Gotthi intra Hispanias sedes acceperunt. Consideraciones sobre la supuesta inmigración visigoda en la Península Ibérica, *Pyrenae* 37, 2, pp. 83-104.
- FABIÃO, Carlos (2020) – As Villae romana da Lusitânia ocidental: velhos problemas e novas abordagens. In *Congresso Internacional. Las Villas Romanas Bajoimperiales de Hispania*. Palência: Diputación Provincial de Palencia, pp. 451-470.
- FERNANDES, Isabel Cristina (1988) – Monte da Herdade dos Pombais. Relatório 88. Marvão. [policopiado].
- GONÇALVES, Ana (1997) – Trabalhos arqueológicos nas Ruínas de Stª. Vitória do Ameixial. Lagos: Arkhaio – Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda. [policopiado].
- GONÇALVES, Ana; TEICHNER, Félix; MORÁN, Elena (2000) – Monte da Nora (Terrugem, Elvas). Relatório Final do Trabalho Desenvolvido. Lagos: Arkhaio – Profissionais de Arqueologia e Paisagem, Lda. [policopiado].
- LEWIT, Tamara (2003) – “Vanishing villas”: what happened to elite rural habitation in the West in the 5th-6th c?. *Journal of Roman Archaeology*. 16, pp. 260-274.
- LEWIT, Tamara (2005) – Bones in the Bathhouse: Re-evaluating the notion of “squatter occupation” in 5th-7th century villas. In *Dopo la fine delle ville: Le champagne dal VI al IX secolo. 11º seminario Sul Tardo Antico e L'Alto Medioevo*. Mântua: Società Archeologica s.r.l., pp. 251-262.
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge; RODRÍGUEZ MARTÍN, F. Germán (2001) – El “Final” de las Villae en Hispania I. La Transformación de las *Pars Urbana* de las Villae Durante la Antigüedad Tardía. *Portugalia*. 21-22, pp. 137-190.
- OLIVEIRA, Jorge (1984) – Relatório da Escavação Arqueológica da Herdade do Mascarró. [policopiado].
- OLIVEIRA, Jorge; PEREIRA, Sérgio; PARREIRA, João (2007) – Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão, *Ibn Maruan*. 14.
- PAÇO, Afonso (1949) – “Inscrição Cristã do Monte-Velho (Beirã – Marvão)”. *Brotéria*. 49 (1), pp. 40-54.
- PRATA, Sara; CUESTA-GÓMEZ, Fabián (2020) – Oil and wine in early medieval rural settlements from Castelo de Vide (Alentejo, Portugal): dating, context, and scale of production, *Archeologia Medievale* 47, 183-98.
- PRATA, Sara; CUESTA-GÓMEZ, Fabián (2022) – Farming and local economy in the early medieval countryside (Castelo de Vide, Portugal). In PRATA, Sara; CUESTA-GÓMEZ, Fabián; TENTE, Catarina (2021) – *Paisajes, espacios y materialidades. Arqueología rural altomedieval en la península ibérica*. Oxford: Archaeopress, pp. 89-104.
- PRATA, Sara; CUESTA-GÓMEZ, Fabián; TENTE, Catarina (2021) – *Paisajes, espacios y materialidades. Arqueología rural altomedieval en la península ibérica*. Oxford: Archaeopress.
- RAMOS, Rita (2010) – Trabalhos Arqueológicos em Campo Maior. Lisboa: Era-Arqueologia, Lda. [policopiado].
- RICARDO, Sílvia (2015) – *Sítio Arqueológico do Mascarró – Um modelo para o povoamento antigo no concelho de Castelo de Vide*. Tese de mestrado inédita.
- ROLO, Ana Mónica (2018) – *O mundo funerário romano no Nordeste Alentejano (Portugal) – O contributo das intervenções de Abel Viana e António Dias de Deus*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SANTOS, Sandra; LOURENÇO, Rui (2007) – Intervenção Arqueológica na Necrópole da Villa Romana de Granja – Crato. Castelo de Vide: Ocrimira – Investigação Arqueológica & Patrimonial, Lda. [policopiado].
- SILVA, Miguel (1994) – Sítio Romano de S. Pedro – Campo Maior. Relatório de Trabalhos Arqueológicos (Campanha de 1992). [policopiado].
- TENTE, Catarina (2018) – Os últimos 30 anos da Arqueologia Medieval portuguesa (1987-2017). In QUIRÓS CAS-

TILLO, Juan Antonio, ed. – *Trienta años de Arqueología Medieval en España*. Oxford: Archaeopress, pp. 49-94.

VALDEZ-TULLETT, Joana & alii (2012) – Carta arqueológica de Nisa. O exemplo de Nisa e alguns resultados (Fase II). *Açafa*. 17, pp. 106-116.

WOLFRAM, Mélanie (2011) – *A cristianização do mundo rural no sul da Lusitania*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

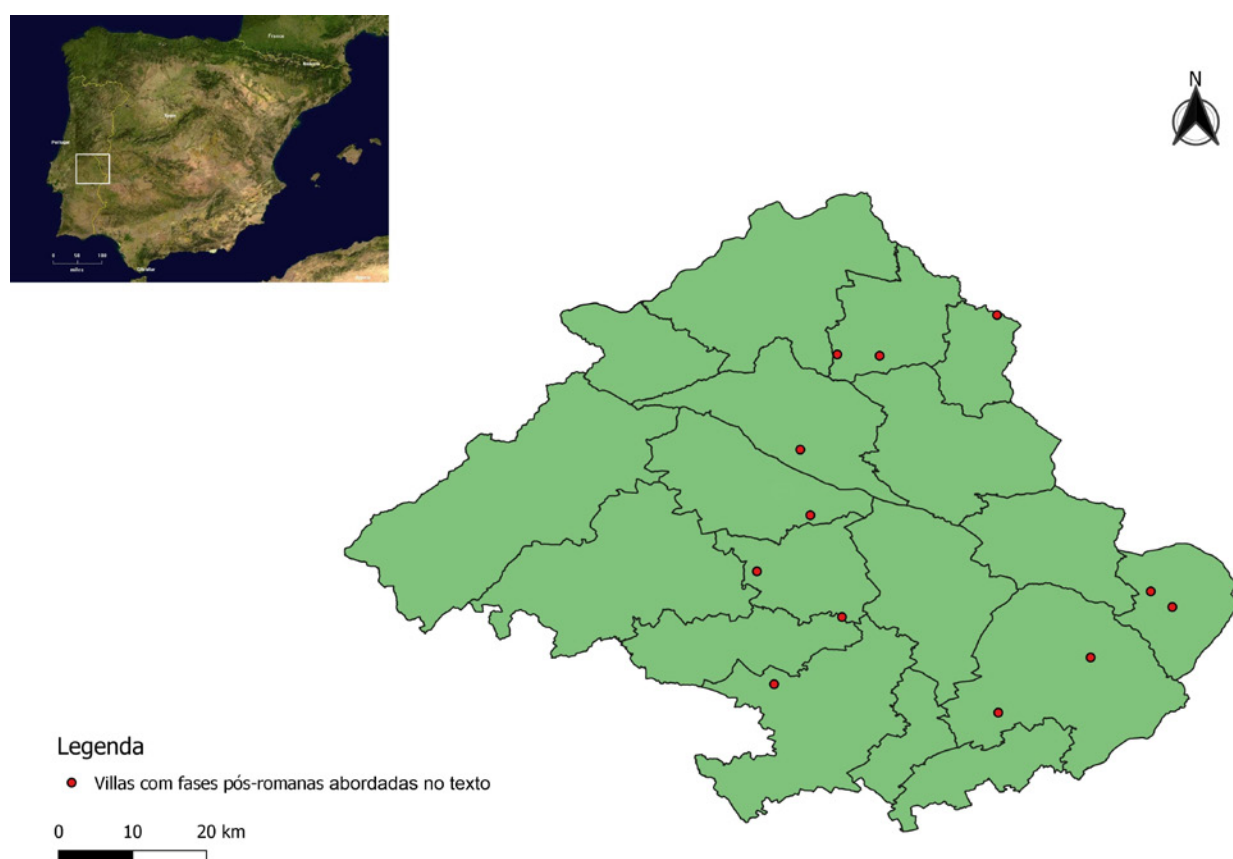


Figura 1– Mapa com a localização das *villae* abordadas no texto.

Topónimo	Concelho	Intervenções	Evidências pós-romanas
Quinta do Pião	Alter do Chão	2008; 2010	Sepulturas; compartimentação; reaproveitamento de materiais (António, 2010)
S. Pedro dos Pastores	Campo Maior	1980-1981; 1991-1993; 1996; 2001	Sepulturas; estruturas e matérias perecíveis; reaproveitamento de materiais (Silva, 1994; Ramos, 2001)
Monte das Argamassas	Campo Maior	2002-2003; 2016	Materiais cerâmicos; estruturas em materiais perecíveis; reaproveitamento de materiais; reutilização funcional do espaço; novas estruturas (Brazuna, 2003)
Monte do Mascarro	Castelo de Vide	1972; 1973; 1983; 1984; 1985	Reutilização funcional do espaço; sepulturas (Oliveira, 1984; Prata & Cuesta-Gómez, 2021; Ricardo, 2015)
Vale da Bexiga	Castelo de Vide	1982	Edifício de culto; sepulturas (Cuesta-Gómez & <i>alii</i> , 2021)
Villa da Granja	Crato	2006	Sepulturas (Santos & Lourenço, 2007)
Quinta das Longas	Elvas	1990-1995; 1997-1998; 2000-2005	Estruturas em materiais perecíveis; materiais cerâmicos; reaproveitamento de materiais (Carvalho & Almeida, 2002)
Monte da Nora	Elvas	1998-2000	Sepulturas; reaproveitamento de materiais; materiais cerâmicos; reutilização funcional do espaço (Gonçalves, Teichner & Morán, 2000)
Sta. Vitória do Ameixial	Estremoz	1915-1916; 1970; 1996-1997; 2010-2011; 2016; 2018	Novas estruturas; reutilização funcional do espaço; materiais cerâmicos (Gonçalves, 1997)
Silveirona	Estremoz	1934	Sepulturas; espólio arqueológico (Wolfram, 2007)
Monte S. Francisco	Fronteira	2015	Sepulturas; reaproveitamento de materiais em novas estruturas (Carneiro, 2016b)
Herdade dos Pombais	Marvão	1982-1986; 1988	Sepulturas; material cerâmico (Fernandes, 1988)

Tabela 1– Sistematização dos vestígios materiais pós-romanos nas *villae* analisadas.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**